O MÉTODO BARSI 2.0

O MÉTODO BARSI 2.0

AULA 1: *A Mágica dos Dividendos*



#SUPER DESCONTO E EVENTO PRESENCIAL

Quer cursar **o MBA em Value Investing com Luiz Barsi com até R$ 7.000 de desconto?**

inscrição no dia 30/01/23 e garanta o maior desconto possível!

Outro benefício exclusivo para os primeiros inscritos será o direito de participar de um evento presencial com Luiz Barsi em São Paulo.
As vagas para o evento são limitadas pelo espaço físico: os primeiros inscritos terão o direito de participar e os demais não vão participar.
Então já converse com sua família, seus pais, seu cônjuge, seus filhos e comunique sua disposição em participar do MBA.

Na segunda-feira (30/01) enviaremos o link de inscrição pelo grupo de WhatsApp.

Prepare-se para ser um dos primeiros inscritos e garantir sua vaga com os maiores benefícios!

VALUE INVESTING

O Value Investing é a técnica utilizada pelos maiores investidores do mundo com objetivo de comprar ações que valem R$1 por R$0,50. O livro "Security Analysis", escrito por Benjamin Graham e David Dodd em 1934, marca o nascimento dessa filosofia de investimento. Os autores eram professores da Columbia University, em Nova York, que até hoje é considerada o quartel-general do Value Investing no mundo.

A principal tese apresentada em "Security Analysis", e que revolucionou a análise de investimentos, é que o preço que se paga por uma ação não necessariamente corresponde ao seu real valor. Preço é a cotação atual e representa apenas o quanto alguém no mercado está disposto a pagar por determinado ativo. O valor, por sua vez, é quanto um ativo realmente vale.

Enquanto o preço é volátil e oscila de acordo com o "humor" do mercado, notícias e narrativas; o valor não muda todos os dias. Para entender essa diferença, é só lembrar do "Joesley Day", dia em que o Ibovespa caiu 8,8% devido a uma crise de natureza política, mas que não alterou em nada as operações das empresas. Ou seja: houve mudança brusca no preço das ações, mas não no valor.

Mas um dia como esse não é triste para o "value investor". Pelo contrário. Quando o Sr. Mercado exagera diante de uma notícia negativa, a distorção entre preço e valor aumenta e gera oportunidade para comprar ativos por muito menos do que valem. O Value Investing é a grande ferramenta para encontrar essas oportunidades.

Ferramentas básicas do Value Investing

Graham entendia os múltiplos como uma forma simples de identificar ações que eram negociadas por um preço inferior ao valor justo. Múltiplos são uma ferramenta de análise relativa, uma vez que são utilizados para comparar empresas.

O P/L, ou preço sobre lucro, é o múltiplo mais famoso e usado por investidores. Ele relaciona o preço pelo qual uma empresa é negociada com seu lucro. Uma empresa que vale 5 vezes seu lucro anual provavelmente é mais barata que uma que vale 50 vezes seu lucro anual.

Outro indicador comumente utilizado é o P/VPA, ou preço sobre valor patrimonial, que relaciona o preço pelo qual uma ação é negociada com o valor patrimonial por ação. Quanto menor for o P/VPA, mais barata – teoricamente – está a ação.

Graham defendia que quanto menor o múltiplo, maior seria a margem de segurança do investidor. E quanto maior a margem de segurança, menor a chance de perder dinheiro na Bolsa. Graham também tinha regras de bolso para não pagar caro por ações: não pagar mais de 1,5 vez o valor patrimonial e 20 vezes o lucro por uma empresa. Essa estratégia ficou conhecida como "investimento em cigar buts". "Cigar buts" são bitucas de cigarro. Algo que todo mundo joga fora. Assim, investir em "cigar buts" é comprar as ações que ninguém quer e, por isso, estão sendo vendidas a preço de banana.

Evolução do Value Investing

Warren Buffett não só foi aluno e discípulo de Graham como também trabalhou em sua firma de investimentos por muitos anos. Na fase inicial de sua vida como investidor, Buffett seguiu a filosofia de Graham. Mas teve de adaptar a estratégia quando enriqueceu e passou a gerir muitos milhares de dólares. Assim, começou a procurar ações negociadas a preços descontados, mas apenas entre os melhores negócios dos Estados Unidos.

Buffett percebeu que, geralmente, as “cigar buts” tinham múltiplos muito baixos porque eram negócios ruins, que poderiam continuar baratos para sempre. Então, passou a buscar empresas que criam valor, muito influenciado por Charlie Munger, que ainda hoje é seu parceiro inseparável nos investimentos. Munger mostra a Buffett a importância de selecionar empresas que não vão quebrar, mas continuar crescendo ao longo do tempo.

Trazendo um novo elemento

O método desenvolvido por Luiz Barsi tem em seu DNA heranças da filosofia de Graham e Buffett: a importância de pagar barato por ações e o apreço por negócios perenes e que geram valor, respectivamente. Mas Barsi agregou um ingrediente próprio em sua receita de Value Investing: os dividendos.

Os dividendos são o principal critério que Barsi usa para selecionar ações. Não é o único. O Barsi também estuda os ativos da companhia, a qualidade e a confiabilidade de seus administradores, a perenidade do negócio, as regras de seu estatuto etc. Mas os dividendos constituem o seu principal filtro. Uma companhia que distribui pouco ou nenhum dividendo sequer entra no rol das empresas que Barsi se dedica a estudar mais profundamente.

Barsi tomou gosto pelos dividendos trabalhando em uma empresa de contabilidade. Ele visitava muitas empresas, examinava seus livros contábeis e conversava com os diretores. Assim, foi entendendo a mentalidade de dono de negócio e percebendo que poderia, através da Bolsa de Valores, se tornar um “pequeno dono” de empresas. É assim que o Barsi chama os acionistas minoritários de empresas, uma vez que também têm direito a receber parte do lucro que é distribuído aos sócios.

Sua estratégia consistia em reinvestir os dividendos recebidos para acumular um número de ações cada vez maior, além de se beneficiar da tendência natural de valorização das ações no longo prazo. A “mágica dos dividendos” é a soma dessas duas alavancas de crescimento: reinvestimento dos dividendos e valorização das ações. Foi assim que o Barsi foi do zero aos bilhões.

A CONCEPÇÃO DO MÉTODO BARSI

Barsi começou a frequentar a Bolsa quando estava próximo de completar 30 anos, em 1968. Ele não estava confortável com a ideia de depender da previdência pública para ter uma aposentaria e sabia que tinha ao menos 30 anos de trabalho pela frente para acumular recursos que lhe garantissem uma vida confortável. Então, concluiu que poderia atingir seu objetivo de duas formas. A primeira era através de uma renda ativa, proveniente do trabalho, onde é necessário produzir mais para ganhar mais. A segunda forma era através da renda passiva, em que se recebe recursos sem trabalhar.

O fascínio de Barsi pela ideia de obter renda passiva através dos dividendos foi tão grande que logo ele largou seu emprego e passou a ir à Bolsa todos os dias, pois entendeu que nada seria mais rentável que ações pagadoras de dividendos dentro de uma lógica de carteira previdenciária.

É como se as ações fossem vacas: elas são seu patrimônio. Se você não matar a vaca para comer carne, pode beber leite todos os dias, que são seus dividendos. Além de também poder vender parte do leite produzido para comprar cada vez mais vacas. Assim, com o tempo, seu rebanho só vai crescer – e você terá cada vez mais leite.

Depois de muito estudar, Barsi elegeu sua "vaca leiteira", que garantiria sua aposentadoria: as ações da Cesp. Era uma empresa segura e perene, pois vendia um bem essencial: energia. A empresa tinha ótimas usinas hidrelétricas, que geravam caixa suficiente para garantir um retorno em dividendos de 10% ao ano. A tese do Barsi é que ele teria de fazer um esforço de poupança por 5 anos para comprar mil ações por mês da Cesp.

Depois desses 5 anos, o reinvestimento dos próprios dividendos distribuídos pela Cesp permitiria que ele seguisse comprando mil ações por mês, sem fazer mais nenhum esforço de poupança. E o Barsi traçou a meta de comprar 100 mil ações da Cesp, pois achava que isso já seria suficiente para garantir sua aposentadoria.

O Barsi estruturou seu plano sobre três pilares:

- **Prioridade**
  Todo dinheiro que sobrava após bancar seu custo de vida era direcionado para a compra de ações da Cesp.

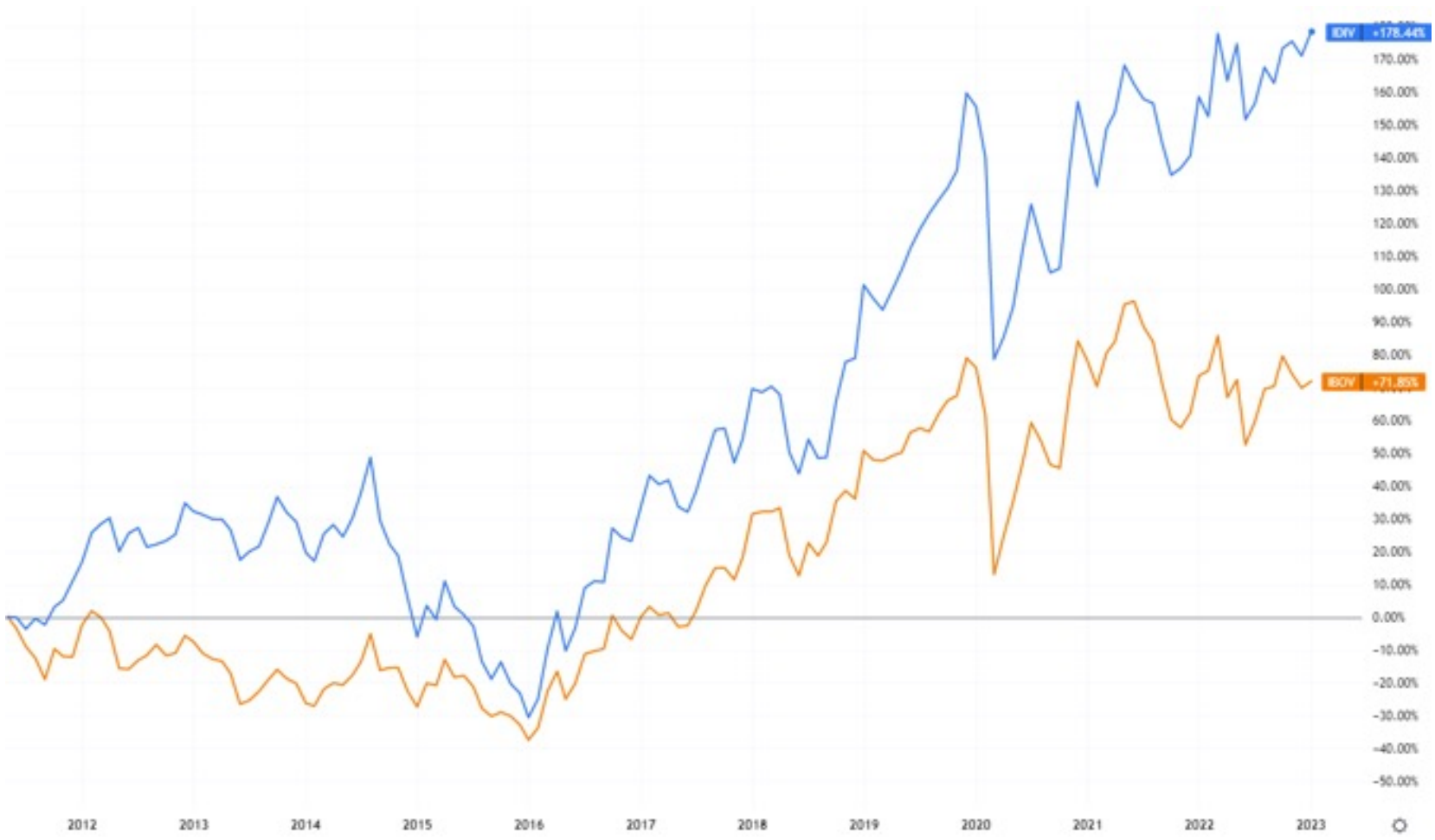
- **Paciência**
  Faltavam 30 anos para a aposentadoria. Assim, ganhos rápidos não interessavam. A ideia era comprar todo mês para acumular 100 mil ações.

- **Disciplina**
  O plano não mudaria nem mesmo se as ações caíssem 50% ou mais. Na realidade, quando a Bolsa caía, ele até comemorava pois conseguia comprar mais ações. O foco do Barsi era na quantidade de ações que ele queria obter, não no preço delas.

Não demorou muito para que Barsi se tornasse milionário. Ele acredita que chegou nessa marca em 1976. Depois houve mudanças na estratégia da Cesp e ele acabou vendendo suas ações para investir em outras empresas. Mas a estratégia de dividendos adotada naquela época segue firme até hoje. Ainda no final da década de 1970 o Barsi chegou à conclusão que já recebia dividendos suficientes para parar de trabalhar, mas seguiu investindo e na década passada alcançou o status de bilionário.

Por que o método do Barsi funciona até hoje?

Historicamente, as empresas que pagam bons dividendos garantem ao investidor retornos muito maiores que a média, além de apresentarem menos volatilidade. Ou seja: o investidor focado em dividendos obteve maior retorno com menor risco. O gráfico abaixo mostra as performances do IDIV – índice da B3 que reúne as empresas que mais pagam dividendos – e do Ibovespa. É notável que o IDIV (linha azul) teve desempenho muito superior em relação ao IBOV (linha laranja).



Desde 2011, o Ibovespa acumulou retorno de apenas 72%, enquanto o IDIV teve um retorno acumulado de 178%. A distância poderia ser ainda maior, pois o próprio Ibovespa possui diversas empresas que pagam bons dividendos em sua composição.

Um estudo dos professores Orleans Martins e Felipe Pontes, da Universidade Federal da Paraíba, detalha bem essa performance superior das ações de dividendos. No livro "O Investidor em Ações de Dividendos", os dois professores analisaram o comportamento das ações de todas as empresas brasileiras que pagaram dividendos entre 2005 e 2019. No período, todas as ações negociadas na B3 que pagaram algum dividendo tiveram um retorno anual médio de 12% ao ano. Já o retorno em dividendos anual foi de 3,9%.

Os professores dividiram as ações do estudo em dois grupos: aquelas que tiveram um retorno em dividendos maior que 3,9% ao ano e as que tiveram um retorno em dividendos igual ou menor que 3,9%. O retorno das ações do grupo que paga mais dividendos foi de 21,7% ao ano. Já o grupo com menores dividendos rendeu apenas 4,6% ao ano. Ou seja: as ações que pagam bons dividendos renderam quase 5 vezes mais. E a consistência dos retornos superiores também impressiona, pois o retorno das ações com os maiores dividendos foi maior que a do grupo com menores dividendos em 14 dos 15 anos analisados. Além disso, as ações com maiores dividendos também apresentaram comportamento mais defensivo, expondo o investidor a menores riscos: as ações com os maiores dividendos só apresentaram retorno negativo em 2 dos 15 anos analisados, enquanto o Ibovespa teve retorno negativo em 5 desses 15 anos.

Quando olhamos os mercados globais, com séries históricas bem mais longas, a situação não muda. Michael Clemens – autor do livro "Dividend Investing: Strategy for Long-Term Outperformance", ou em português "Investindo em Dividendos: Uma Estratégia para Performance Acima da Média no Longo Prazo" – fez um estudo comparando a performance das ações que pagam bons dividendos contra os índices de ações mais populares. O estudo considerou dados de 1928 até 2011. Nos EUA, a carteira de ações que pagam bons dividendos rendeu 1,5% ao ano acima do S&P nesses 83 anos. Já uma carteira de dividendos global rendeu 2,1% ao ano a mais que a média do mercado acionário mundial.

A lógica dos dividendos

Os dividendos são a parcela do lucro líquido de uma empresa que é distribuída a seus acionistas. Suponha uma empresa com as seguintes características:

- Capital social dividido em 1 milhão de ações;
- Lucro líquido de R$ 1 milhão ao longo de um ano;
- Distribui 100% de seu lucro anual aos acionistas (Payout = 100%).

Assim sendo, essa empresa pagará R$ 1 milhão em dividendos. Como possui 1 milhão de ações, o dividendo a ser pago será de R$ 1 por ação. Um acionista que detém 500 mil ações, receberá R$ 500 mil em dividendos. Um pequeno dono detentor de 5 mil ações receberá R$ 5 mil.

Outros proventos

Além dos dividendos, existem outras formas de remunerar o acionista, como os juros sobre capital próprio (JCP). O JCP só existe no Brasil e foi instituído em 1995. Basicamente, cumpre a mesma função dos dividendos, mas com duas diferenças: a primeira é que há limites legais para a distribuição de JCP por parte das empresas. Uma empresa não pode distribuir mais de 50% do lucro líquido anual em JCP. A segunda é que, enquanto os dividendos são isentos de Imposto de Renda, sobre o JCP há alíquota de 15% retido na fonte.

Outra forma que uma empresa pode dispor para remunerar seu acionista é a bonificação em ações. Nesse caso, a empresa – ao invés de distribuir o lucro em dinheiro aos acionistas – incorpora suas reservas de lucros ao capital social. Assim, novas ações são emitidas e distribuídas aos acionistas proporcionalmente ao número de ações que cada acionista já possui. Esses três tipos de remuneração ao acionista – dividendos, JCP e bonificação – são chamados de proventos. Mas há ainda outra forma de uma empresa remunerar seu acionista: recomprando suas próprias ações. Quando uma companhia faz isso e cancela esses papéis, seu capital social passa a ser dividido em uma quantidade menor de ações. Assim, os próximos dividendos a serem pagos pela empresa serão divididos entre menos ações. A recompra de ações é muito usual nos Estados Unidos, visto que lá há tributação sobre os dividendos. Por isso, as empresas preferem recomprar ações, pois essa alternativa não gera pagamento de impostos.

Regras da distribuição de dividendos

Ações preferenciais costumam dar direito a um dividendo maior que as ações ordinárias. As preferenciais (PN) têm o código de negociação encerrado em 4, como em PETR4, por exemplo. Já as ordinárias (ON) terminam em 3, como em PETR3, por exemplo. Para saber se um tipo de ação paga mais dividendo que o outro em uma determinada empresa, o investidor deve ler o estatuto da companhia. No caso da Eletrobras, por exemplo, as ações preferenciais garantem ao acionista 10% mais dividendos que as ordinárias.

O estatuto das empresas também estabelece o dividendo mínimo obrigatório a ser distribuído aos acionistas. A lei 6.404, de 1976, instituiu o dividendo mínimo obrigatório e obriga o estatuto a definir o dividendo mínimo anual a ser distribuído aos acionistas. As empresas adotam diferentes critérios, com o dividendo podendo ser um percentual do lucro líquido, um percentual do EBITDA, um percentual do fluxo de caixa, entre outros. Caso o estatuto da companhia seja omisso e não preveja nada disso, a lei estabelece que o dividendo mínimo obrigatório seja de 25% do lucro líquido, que é o percentual adotado pela maioria das empresas. Contudo, nada impede que as empresas distribuam mais dividendos do que o mínimo instituído.

Outra definição que o estatuto traz é a forma como o dividendo é pago. Neste documento está descrito se o dividendo será mensal, trimestral, semestral ou anual. É comum que os meses em que há distribuição de proventos estejam descritos também. O valor pago em cada um desses períodos precisa ser aprovado em reunião do conselho de administração. Em seguida, a empresa deve, obrigatoriamente, publicar um comunicado ao mercado com as seguintes informações:

- O montante total de dividendos a serem pagos;
- O dividendo por ação;
- A data em que o acionista precisa ter a ação em custódia para ter direito ao recebimento do dividendo – conhecida como "data com". No dia seguinte, é a "data ex", quando a ação já não dá mais direto ao dividendo;
- A data em que os dividendos caem na conta do investidor (que pode ser diferente da "data ex").

Múltiplos de dividendos

Os múltiplos são ferramentas capazes também de avaliar a atratividade dos dividendos de uma empresa. Isto porque um dividendo de R$ 1 pode ser interessante em uma ação cotada a R$ 10, mas irrelevante em uma cotada a R$ 100. Os principais múltiplos para análise relativa de dividendos são:

Dividend Payout (ou apenas Payout)
É calculado da seguinte forma:

$$\frac{Lucros\ distribuídos\ na\ forma\ de\ proventos}{Lucro\ líquido}$$

O resultado do cálculo é o percentual do lucro que a empresa destina para a distribuição de proventos. Exemplo: uma empresa que teve lucro líquido de R$ 1 milhão e distribuiu R$ 700 mil para os acionistas, tem payout de 70%.

Dividend Yield (DY)
É calculado da seguinte forma:

$$\frac{Dividendos\ distribuídos\ nos\ últimos\ 12\ meses\ por\ ação}{Preço\ da\ ação}$$

O resultado do cálculo indica uma taxa de retorno em dividendos. Exemplo: uma empresa que distribuiu, nos últimos 12 meses, R$ 0,50 por ação em dividendos e R$ 0,50 por ação em JCP e está cotada a R$ 10, possui Dividend Yield de 10%.

Como o Barsi analisa

Luiz Barsi tem preferência por empresas com payout alto. Ele busca entender quais são os interesses do controlador e gosta de se associar a donos que distribuem uma grande fatia dos lucros aos acionistas. Muitas empresas que compõem a carteira do Barsi se notabilizam pelo alto payout. Por exemplo:

- O Banco do Brasil precisa distribuir dividendos elevados para ajudar a sustentar a Previ, o fundo de pensão dos funcionários do banco;
- A Auren Energia é controlada pela Votorantim, que por sua vez é controlada por uma família que gosta de receber dividendos;
- A Taesa distribui dividendos elevados para ajudar sua controladora, a Cemig, a controlar sua alavancagem;
- O Santander Brasil distribui dividendos altos para abastecer os cofres de sua matriz na Espanha.

Estudos mostram que, no Brasil, em empresas controladas por famílias geralmente o payout é maior. Apesar de não ser uma política para beneficiar os acionistas minoritários, o Barsi se aproveita desse fluxo de dinheiro que vai para os controladores para receber dividendos com fartura.

Além do payout alto, outro pré-requisito para Barsi olhar mais profundamente para uma empresa é ter um dividend yield alto. Ele costuma dizer que o retorno em dividendos não deve ser inferior a 6% ao ano, em linha com a estratégia de Décio Bazin, que foi um grande amigo de Barsi e autor do maior best-seller sobre dividendos já escrito por um brasileiro, o livro "Faça Fortuna com Ações". Mas não significa que você deve vender suas ações se o dividend yield delas passar a ser menor que 6%, pois o que deve ser mais importante é o chamado "yield on cost", que é o retorno em dividendos comparado com seu preço médio de aquisição dessas ações.

Yield on Cost

Imagine que você compra ações a R$ 10 que pagam R$ 1 em dividendos anuais. O dividend yield é de 10% – bem atrativo, portanto. Só que no ano seguinte o mercado é tomado por uma onda de otimismo e essas ações passam a custar R$ 20, mesmo com o dividendo permanecendo estável em R$ 1. O dividend yield cai para 5% com essa nova realidade. No entanto, você não precisa vender suas ações porque seu "dividend yield on cost" segue sendo de 10%. Por isso o investidor deve considerar seu retorno de acordo com o preço médio que pagou pelas ações. No entanto, ao receber dividendos dessa empresa, é aconselhável que o investidor aloque os recursos em uma companhia com dividend yield mais alto.

Hoje é muito simples buscar quais são as ações com maiores payout e dividend yield. Mas isso não é nem perto do necessário para ser bem-sucedido na construção de patrimônio na Bolsa. Aswath Damodaran, considerado o "papa do valuation de ações", costuma dizer que os múltiplos, apesar de serem fáceis e intuitivos, podem também ser facilmente mal utilizados. Especialmente porque consideram apenas o passado. É preciso entender que as maiores pagadoras de dividendos do ano passado podem não repetir a generosa distribuição de proventos no próximo ano.

O investidor precisa aprender a identificar empresas que pagam dividendos atrativos, persistentes e crescentes. Isto porque muitos fatores podem distorcer o dividendo de um único ano. Por exemplo: a empresa pode ter constituído uma reserva de lucros generosa nos últimos 5 anos pagando o dividendo mínimo obrigatório e decide distribuir tudo ao final desse quinto ano. Ou o controlador da empresa pode estar precisando de dinheiro e toma dívidas em nome da empresa para pagar dividendos. Assim, é muito importante analisar a recorrência e sustentabilidade dos dividendos. Existem alguns indícios que o investidor deve observar para não cair na armadilha do dividendo alto, mas não recorrente. Tais quais:

- A empresa aumenta o payout para mais de 100% usando sua reserva de lucros;
- A companhia registra prejuízo e mesmo assim distribui dividendos usando sua reserva de lucros ou tomando empréstimos bancários;
- A empresa eleva o payout de 25% para 100% num ano para tirar seu controlador de um sufoco financeiro, mas no ano seguinte volta ao payout normal;
- Uma empresa pode perder seus bons fundamentos e a ação cai forte. Comparando o preço atual com os dividendos passados, o investidor pode chegar a um "yield" que parece muito atrativo, mas que na verdade será muito menor que o esperado.

A Petrobras talvez seja um bom exemplo disso, pois pagou nada menos que R$ 16,76 em proventos por ação preferencial em 2022. Se esse dividendo se provar sustentável, a ação está de graça, porque nos preços atuais o "dividend yield" supera incríveis 60%. O problema é que o preço do petróleo está hoje num patamar historicamente alto que pode não se repetir no futuro. Além disso, com a mudança de governo, a companhia pode voltar a investir em projetos menos rentáveis. Pode se tornar um exemplo de empresa com dividendo alto, mas que não é persistente e crescente. Por isso, o investidor sempre deve desconfiar quando o dividend yield é muito alto. É importante verificar o histórico de dividendos ao menos dos últimos 5 anos para fazer sua análise.

Por que dividendos importam?

Merton Miller e Franco Modigliani, dois professores laureados com o Prêmio Nobel de Economia, são autores da Teoria da Irrelevância dos Dividendos, que defende que os proventos não fazem diferença para o investidor pois os dividendos pagos são descontados do preço da ação. Por exemplo, se uma ação vale R$ 10 e paga R$ 1 em dividendos, tudo mais constante ela vai abrir cotada a R$ 9 no dia seguinte. De fato, o investidor não fica mais rico quando o dividendo cai na conta, assim como não enriquece quando tira R$ 100 do bolso direito de sua calça e coloca os mesmos R$ 100 no bolso esquerdo. Contudo, são diversos os fatores que explicam a performance acima da média das ações que pagam mais dividendos em todo mundo. Eis alguns deles:

- **Ações defensivas**

As ações pagadoras de dividendos tendem a cair menos nas crises, pois quando o preço cai muito, o dividend yield automaticamente fica mais interessante. Então os investidores que recebem seus dividendos correm para reinvestir o dinheiro nesses papéis, aproveitando o retorno em dividendos maior.

- **Saúde financeira**

A empresa que distribui dividendos elevados geralmente está dando uma demonstração de saúde financeira ao mercado. Pagar dividendos elevados, persistentes e crescentes é característica de negócio de qualidade. Apesar do passado não ser garantia de dividendo futuro, uma empresa que apresentou dividendos elevados e crescentes nos últimos 10 anos tem muito mais chances de pagar dividendo maior no próximo ano que uma empresa que apresentou prejuízos em todos os últimos 10 anos passados. É por isso que muitos americanos preferem investir em um grupo de empresas que eles chamam de "dividend aristocrats", ou os aristocratas dos dividendos. A Procter & Gamble – dona de marcas como Gillette, Pampers, Pantene e Oral-B – pagou dividendos em todos os últimos 130 anos. Já a Johnson & Johnson conseguiu elevar seus dividendos por 45 anos seguidos. São investimentos que, no longo prazo, dificilmente darão errado.

- **Ações baratas**

Uma empresa de alto dividend yield dificilmente estará cara. Pense em uma empresa que tem garantido um retorno em dividendos de 20% ao ano. Assumindo payout de 100%, essa empresa lucra 20% de seu valor de mercado todos os anos. Isso significa que ela negocia a 5 vezes lucro na Bolsa. É preciso estudar e observar se não há um motivo para que essa empresa esteja tão barata, mas as chances do investidor lucrar serão maiores do que quando investe em uma empresa que paga pouquíssimo ou nenhum dividendo.

- **"Ações de viúva"**

Por não serem alvo dos especuladores, essas ações têm um comportamento de subir "devagar e sempre". Os acionistas, na média, têm o perfil de manter posição na empresa por muitos anos ou décadas. A chance de pagar caro por um ativo desse tipo é mais baixa comparada com um ativo volátil e que atrai muitos especuladores.

- **Dividendos e crescimento de lucros estão correlacionados**

A sabedoria comum diz que as empresas que pagam mais dividendos são aquelas mais maduras, que não têm tantas oportunidades de alocação de capital a taxas atrativas. Mas Robert Arnott e Clifford Asness, dois bilionários gestores de fundos americanos, publicaram um artigo intitulado "Surpresa! Maiores Dividendos = Maiores Crescimentos de Lucros". Nesse artigo, eles analisaram dados de 1946 a 2011 e mostraram evidências robustas que as empresas que mais crescem são também as que mais distribuem dividendos. Uma das explicações é que essas empresas podem escolher muito bem os projetos de expansão que vão ser implementados e podem entrar apenas naqueles em que a chance de dar certo é enorme.

- **Empresas de dividendos estão menos sujeitas a fraudes**

Executivos inescrupulosos podem adotar uma "contabilidade criativa" nos balanços de suas empresas para inflar o lucro ou o EBITDA. Muitas vezes isso acontece para que eles mesmos batam suas metas e recebam bônus mais polpudos, mas truques contábeis não servem para pagar mais dividendos, pois é preciso ter dinheiro em caixa para distribuí-los. O investidor não fica imune a fraudes com ações de dividendos – mas as chances de ser enganado diminuem.

CONCLUSÃO

Diversos dados e estudos comprovam que ações de dividendos rendem mais que a média – com menos risco – em todo o mundo. As razões que explicam esses retornos superiores são várias, como a resiliência e solidez financeira que essas empresas tendem a apresentar. Além disso, é importante ressaltar que o investimento em empresas de dividendos deve ser acompanhado por uma cuidadosa análise, indo além dos métodos simplistas e observando a recorrência e sustentabilidade dos dividendos. O Barsi tem enorme convicção de que ele nunca teria obtido os resultados que conseguiu se não aplicasse o Value Investing com foco em dividendos.

#SUPER DESCONTO E EVENTO PRESENCIAL

Quer cursar **o MBA em Value Investing com Luiz Barsi com até R$ 7.000 de desconto?**

inscrição no dia 30/01/23 e garanta o maior desconto possível!

Outro benefício exclusivo para os primeiros inscritos será o direito de participar de um evento presencial com Luiz Barsi em São Paulo.
As vagas para o evento são limitadas pelo espaço físico: os primeiros inscritos terão o direito de participar e os demais não vão participar.
Então já converse com sua família, seus pais, seu cônjuge, seus filhos e comunique sua disposição em participar do MBA.

Na segunda-feira (30/01) enviaremos o link de inscrição pelo grupo de WhatsApp.

Prepare-se para ser um dos primeiros inscritos e garantir sua vaga com os maiores benefícios!

O MÉTODO

BARSI 2.0